Educação Unisinos
19(1):132-140, janeiro/abril 2015
© 2015 by Unisinos - doi: 10.4013/edu.2015.191.12

"A mais bela normalista": rituais juvenis no Curso Normal do Instituto Estadual de Educação (Florianópolis, 1961-1971)[1]

"A mais bela normalista": Youth rituals from the *Curso Normal* at *Instituto Estadual de Educação* (*Florianópolis,* 1961-1971)

Karin Sewald Vieira
ksv27@terra.com.br

Maria Teresa Santos Cunha
mariatsc@gmail.com

Resumo: O Curso Normal do Instituto Estadual de Educação, entre os anos de 1961 e 1971, acompanhou o processo de modernização da cidade de Florianópolis (SC). O presente estudo busca compreender os rituais juvenis envolvendo o preparo da formatura e a organização do concurso de beleza "A mais bela normalista", como elementos integrantes da cultura escolar daquele período. A circulação e a ressonância de modelos culturais e pedagógicos são tomadas como categoria de análise para conferir inteligibilidade histórica às práticas escolares. O *corpus* documental é constituído por documentos escritos, iconográficos e objetos materiais escolares. O trabalho possibilitou compreender as solenidades de formatura e o concurso de beleza "A mais bela normalista" como eventos associados ao processo de modernização almejado pela Escola.

Palavras-chave: Curso Normal, formatura, concurso de beleza, modelos culturais e pedagógicos.

Abstract: From 1961 to 1971, the undergraduate course *Curso Normal,* at *Instituto Estadual de Educação,* followed the process of modernization of the city of Florianópolis (Santa Catarina State). The present study seeks to understand the beauty rituals that involved the prom preparation and the organization of the beauty contest "A mais bela normalista", as elements which integrated the school culture at that time. The circulation and repercussion of cultural and pedagogical models are conceived as analytical categories in which it is observed the historical intelligibility towards school practices. Written documents, iconic documents, and school materials constitute the documental corpus. The research made possible the understanding of solemnities at the prom and at the beauty contest "A mais bela normalista" as events associated to the process of modernization sought at the school.

Keywords: *Curso Normal*, prom, beauty contest, cultural and pedagogical models.

[1] Este artigo é fruto das pesquisas realizadas para a dissertação, com o título "No compasso do moderno: o Curso Normal do Instituto Estadual de Educação de Santa Catarina: anos de 1960", realizada no PPGE/UDESC, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha. A referida pesquisa tem por objetivo compreender a configuração do Curso Normal do IEE frente às transformações que atravessaram a sociedade brasileira a partir da metade do século XX. Diante desse propósito, busca-se discutir a circulação e a ressonância de modelos culturais e pedagógicos no Curso Normal do Instituto Estadual de Educação (IEE).

Introdução

O Instituto Estadual de Educação (IEE), ao longo de sua história, constituiu-se como espaço privilegiado de formação de professores(as) em Santa Catarina e sua constituição remonta à criação da Escola Normal Catarinense em 1892[2]. Na década de 1960, ao acompanhar o processo de modernização do país e da cidade de Florianópolis, o IEE passou por transformações significativas, como a criação da Escola Primária de Aplicação (EPA), a expansão do Ensino Médio e a consequente ampliação do espaço físico, mantendo o Curso Normal para a formação de professores primários. Para atender uma demanda maior de estudantes, a primeira sede da Escola Normal, situada na Rua Saldanha Marinho, foi substituída pelo novo prédio, situado na Avenida Mauro Ramos. Cabe dizer que as duas edificações foram erguidas em espaços centrais e privilegiados geograficamente da cidade de Florianópolis (Vieira, 2013).

As décadas de 1950, até meados de 1960, foram fortemente marcadas pelo projeto nacional desenvolvimentista, expresso pelo plano de modernização do Brasil. O Programa de Metas, implementado no governo de Juscelino Kubitschek, era composto de objetivos distribuídos em seis grandes áreas: energia, transporte, alimentação, indústrias de base e educação e construção de Brasília. A estabilidade política e o expressivo crescimento econômico trouxeram a esse período anos de otimismo e de grandes realizações, como, por exemplo, com a inauguração de Brasília (Fausto, 2012). O Brasil vivia, então, o auge do crescimento econômico, resultado da expansão do capitalismo e da industrialização, associado ao fortalecimento das instituições democráticas – marcas do processo de modernização que se instalou no país nesse momento. De acordo com Habermas (1990), o conceito de modernização refere-se a

> Um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente: à formação de capital e mobilização de recursos, ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho, ao estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais, à expansão de direitos de participação política, de formas urbanas de vida e de formação escolar formal, refere-se à secularização de valores e normas [...] (Habermas, 1990, p. 14).

Sob essa perspectiva, associa-se a modernização com uma nova sensibilidade, uma diferenciada percepção/construção da *realidade* que vai interferir nos costumes, nos estilos de vida, na organização social, "como uma dinâmica desenvolvimentista de exaltação do presente e do futuro – logo, de desprezo pelo passado" (Carvalho e Carvalho, 2012, p. 30).

Nesse cenário, o discurso que circulava colocava o processo de escolarização como condição para o desenvolvimento. Sendo assim, "a formação do indivíduo deveria voltar-se para a grande meta do desenvolvimento econômico" (Xavier, 2012, p. 205). A preocupação com a expansão da oferta da escolarização estava, também, relacionada à adequação da escola ao desenvolvimento tecnológico e científico. Nesse momento, a demanda pela democratização da escola foi acompanhada pela necessidade de renovação do sistema educacional brasileiro.

Assim, no estado de Santa Catarina, as representações sobre o papel reservado à escola estavam balizadas por discursos sobre a educação, que acompanham o que circulava em âmbito nacional. A promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1961, movimentou o campo educacional nos diversos estados brasileiros. Em Santa Catarina, a criação do Conselho Estadual de Educação (1961), o Sistema Estadual de Educação (1963) e a Organização do Ensino Normal (1963) abriram espaço, ao menos em âmbito prescritivo, a outras configurações na organização das instituições escolares, entre elas o IEE.

O Curso Normal do IEE, entre os anos de 1961 e 1971, acompanhou o clima de modernidade que se instalou na cidade de Florianópolis e se apropriou de modelos culturais e pedagógicos que circulavam no Brasil. A circulação e a ressonância[3] de tais modelos contribuíram para a afirmação de uma cultura escolar própria. O presente trabalho tem por objetivo compreender os rituais de formatura e a organização do concurso de beleza "A mais bela normalista" como elementos da cultura escolar do Curso Normal do IEE, associados aos modelos culturais e pedagógicos. Diante desse propósito, busca-se discutir de que modo as formaturas e o concurso de beleza foram organizados e assumiram marcas do processo de modernização.

Para conferir inteligibilidade histórica às práticas escolares, os

[2] Ao longo do tempo, o IEE foi se constituindo de diferentes modos e assumindo novas denominações oficiais: Escola Normal Catarinense (1892); Instituto de Educação de Florianópolis (1935); Instituto de Educação Dias Velho (1947); Instituto de Educação e Colégio Estadual Dias Velho (1949); Instituto Estadual de Educação Dias Velho (1963); Instituto Estadual de Educação (1966).

[3] Por ressonância, entende-se a capacidade de um objeto ou de uma proposta atingir um universo mais amplo (Gonçalves, 2005; Candido, 2010 *in* Cunha, 2012a).

modelos culturais e pedagógicos são tomados como categoria de análise tal como propõem os pesquisadores Marta Maria Chagas de Carvalho e Joaquim Pintassilgo (2011). Para esses autores, os modelos culturais e pedagógicos circulam em diferentes espaços e contextos e são apropriados de maneiras diversas. A circulação de modelos culturais e pedagógicos dominantes não anula "[...] o espaço próprio de sua recepção. Sempre existe uma brecha entre a norma e [o] vivido [...]" (Chartier, 2010, p. 46). Nessa perspectiva, essa categoria, ao ser movimentada nas pesquisas em História da Educação, aqui especificamente do Curso Normal do IEE, permite considerar a multiplicidade das experiências e significações dos sujeitos, e não obter um retrato fiel da realidade escolar.

A cultura escolar é entendida como o conjunto de práticas, ritos, objetos escolares, espaços, organização do tempo, circulação de ideias, bem como da seleção dos saberes nas instituições educativas. De acordo com Frago (2007), a categoria cultura escolar deve ser pensada em sua pluralidade. Ou seja, cada estabelecimento de ensino apresenta uma cultura escolar que lhe é própria. Ao mesmo tempo, no mesmo estabelecimento, observa-se a coexistência de diferentes culturas (Frago, 2007). No entanto, o cotidiano escolar é atravessado também pelos diferentes estilos dos estudantes. Nesse sentido, entende-se que, da mesma forma que coexistem diferentes culturas escolares em uma instituição, existem diferentes culturas juvenis.

A noção de culturas juvenis pode ser entendida como expressão das expectativas, das experiências e dos estilos de grupos de jovens nos diferentes espaços sociais, entre eles a escola. De acordo com Maria Stephanou (2007, p. 17), "já na metade do século XX, a juventude irrompe como protagonista da cena pública, quando podemos reconhecer um processo de juvenilização da cultura, ou a emergência das culturas juvenis propriamente ditas". Nesse sentido, os eventos aqui analisados, especialmente o concurso de beleza, provavelmente não foram unanimidades entre os(as) estudantes do IEE, assumindo diferentes sentidos.

O conjunto documental para este estudo é composto por documentos escritos (convites de formaturas, jornais, diplomas e diários íntimos), documentos iconográficos (fotografias) e objetos materiais escolares (quadros de formatura). Sendo assim, para discutir a circulação e a ressonância de modelos culturais e pedagógicos no Curso Normal do IEE, busca-se pesquisar em diferentes documentos, a fim de se criar redes cruzadas de referência de análise (Stephanou e Bastos, 2005). Importa explicar que o objetivo não é confrontar esses documentos, mas para, por meio deles, compreender o cenário e, igualmente, os aspectos que contribuem para a sua recomposição, no que diz respeito à cultura escolar no período investigado.

Como práticas escolares, as solenidades de formatura do Curso Normal são entendidas como ritos[4] de iniciação e representaram eventos de grande importância para a sociedade catarinense. O concurso de beleza "A mais bela normalista", realizado em 1971, foi amplamente divulgado nos jornais e movimentou o cotidiano do IEE e da cidade de Florianópolis. Nessa direção, o texto está organizado em duas seções: na primeira, intenta-se compreender as solenidades de formatura como elemento da cultura escolar na década de 1960 e, na segunda, objetiva-se apresentar o concurso de beleza "A mais bela normalista", realizado no ano de 1971, no IEE, ambas como expressão do processo de modernização da cidade de Florianópolis no âmbito da educação.

Solenidades de formatura

Carinhosos cumprimentos brilhante formatura Luiz Família (Telegrama, 1969).
Por mais esta etapa vencida Nossos parabéns (Telegrama, 1969).

Os telegramas encontrados no acervo pessoal de Gabrielle[5], normalista da turma de 1969, são elementos que compõem o ritual de formatura. As felicitações e os cumprimentos pela brilhante formatura demonstram o enaltecimento do acontecimento. A formatura é vista como uma etapa vencida, ou seja, como um ritual de passagem e de conquista. Em Florianópolis, as formaturas das normalistas representaram, ao longo dos anos, eventos de grande importância para a sociedade catarinense. Como práticas escolares, as formaturas são organizadas como ritos, tal como sugere a historiadora Maria Teresa Santos Cunha (2002b, p. 79):

> A formatura escolar é um dos rituais de iniciação ainda exercidos com certa pompa e monumentalidade nas sociedades ocidentais; são mesmo momentos especiais construídos pelas sociedades e, via de regra, regulados pelas instituições que as

[4] Ritual entendido na perspectiva antropológica como aqueles atos em que se afirmam ordens e hierarquias impostas nas rotinas, pois o ritual se reveste de uma "forma exterior solene e legítima, muitas vezes exuberante [...] pode ser estabelecido entre as rotinas diárias e as situações extraordinárias, anômalas ou fora do comum, mas socialmente programadas e inventadas pela própria sociedade" (DaMatta, 1997, p. 37).
[5] Gabrielle é o nome fictício, adotado neste estudo, de uma aluna do Curso Normal da turma de 1967-1969. A aluna disponibilizou parte de seu acervo pessoal na condição de sigilo de sua identidade.

> promovem. Envolvem solenidades com rituais específicos de celebração: convites impressos, ofícios religiosos, cerimônia de colação de grau/ entrega do diploma [...].

A formatura, como expressão da cultura escolar institucionalizada, tem como objetivo atestar o funcionamento dessas instituições e a comprovação dos atos pedagógicos realizados em seu interior. Dessa forma, podem ser compreendidas como a expressão da finalização de um processo de formação e o consequente avanço na escolaridade (Werle, 2005). Nos cursos de formação profissional, as formaturas representam, além da finalização do curso, a possibilidade de inserção no mercado de trabalho (Werle, 2005). Sendo assim, as formaturas das normalistas representam para esses(as) jovens uma prerrogativa de trabalho nas instituições de ensino e os(as) diferenciam daqueles(as) que não passaram por esse processo de formação.

Desde 1892, ano da criação da Escola Normal Catarinense, as formaturas assumiram um tom de requinte. Seu regulamento previa que a organização das solenidades de formatura fosse compatível com o elevado merecimento do título. No ato da formatura, os formandos recebiam diploma e, além disso, eram premiados os alunos que obtivessem primeiro lugar na aprovação. O regulamento, ao tratar das cerimônias, previa a presença de autoridades do estado, bem como o juramento, que deveria ser proferido pelos formandos (Schaffrath, 1999). Na primeira década do século XX, os jornais da cidade de Florianópolis atestavam a importância e a força dos rituais de formatura da Escola Normal por meio da publicação de notas em suas páginas. Em tais notas, era ressaltada a presença de autoridades nas solenidades, incluindo o governador do estado, como patrono ou paraninfo (Teive, 2008).

A Escola Normal Catarinense foi transformada e nomeada como Instituto de Educação no ano de 1935. Cabe dizer que a mudança na denominação significou transformações na concepção do Curso e fomentou o debate sobre os fundamentos científicos necessários para a formação dos professores catarinenses (Silva, 2005). Na década de 1940, principalmente nos anos em que João Roberto Moreira atuou como professor e diretor, o Instituto Estadual de Educação se tornou um *locus* da intelectualidade catarinense que mantinha laços com intelectuais renomados, no cenário nacional e internacional (Daniel, 2003). Sendo assim, alguns desses intelectuais foram convidados como paraninfos nas formaturas das turmas do Instituto. Por exemplo, no ano de 1941, Fernando de Azevedo, convidado para ser paraninfo de uma turma do Instituto de Educação de Florianópolis, proferiu discurso intitulado "Entre as angústias do presente". Outro importante convidado para ser paraninfo foi Lourenço Filho, que, impossibilitado de comparecer à cerimônia, teve seu discurso lido por João Roberto Moreira na ocasião da formatura (Daniel, 2003).

Na década de 1960, o Curso Normal do IEE manteve a organização das solenidades de formatura como elemento da cultura escolar. O ritual de formatura envolvia diferentes eventos, tais como jantares comemorativos, viagens, missas, colação de grau, discursos, entrega de diploma e bailes. Diversos objetos também faziam parte da composição do ritual, como convites, roupas especiais, anel de formatura, quadros e álbuns de fotografias. No entanto, tais objetos foram, ao longo dessa década, assumindo um tom menos glamuroso e mais democrático. Alguns elementos ritualísticos – quadros de formatura, álbum de fotografias, locais dos eventos, telegramas, etc. – foram incorporando os discursos de modernização típicos desse tempo, que defendiam mais simplicidade e leveza aos rituais de formatura. Já no início da década de 1960, é possível observar esses traços.

Os quadros de formatura apresentam vestígios de tal mudança. Antes de 1960, esses objetos, parte da cultura material da escola, eram ricamente decorados por símbolos que remetem às representações da profissão do professor, tais como os livros abertos e fechados, a chama, a pena, os símbolos nacionais, os ramos de trigo e a sede da Escola Normal. Normalmente, os elementos decorativos, fundidos em ferro, eram dispostos, junto às fotografias das autoridades e dos(as) formandos(as), em uma base de madeira. No conjunto desses elementos, são apresentadas inscrições em latim, como, por exemplo, *QUANTUM IN ME ERIT* (1944) e *SCIENTIA ET LABOR* (1956)[6].

No quadro de formatura da turma de 1963 (Figura 1), observa-se que os elementos decorativos utilizados seguem o estilo arquitetônico do novo prédio do IEE. Cabe dizer que a primeira sede da Escola Normal, construída no início do século XX, foi substituída pelo novo prédio da Avenida Mauro Ramos. O edifício pode ser considerado um ícone do estilo modernista de caráter internacionalista em Florianópolis.

[6] Essas informações sobre a composição dos quadros de formatura foram recolhidas a partir da observação de uma fotografia do quadro de formatura da turma de 1944 e do próprio quadro de formatura de 1956, ambos localizados no acervo do Memorial do Instituto Estadual de Educação, no ano de 2013.

Figura 1. Quadro de Formatura 1963.
Figure 1. Prom portraits 1963 (hollow).
Fonte: Acervo pessoal de Arlete Caminatti Zago.

Figura 2. Pilar em V (vazado).
Figure 2. Pillar in V format.
Fonte: Acervo da autora (2013).

As grandes fachadas compostas por amplas janelas de vidros e *brises soleil* (quebra-sóis), a predominância da horizontalidade, os pilares em V (Figura 2), amplos pátios internos, rampas e o uso de pilotis são consideradas marcas desse estilo arquitetônico. No quadro de formatura de 1963 (Figura 1), os pilares vazados e a predominância de linhas retas e arrojadas ocupam o espaço dos adereços antes rebuscados.

Outro aspecto que merece atenção é a inexistência das inscrições em latim no quadro de formatura da turma de 1963 (Figura 1), provavelmente motivada pelo desuso do latim enquanto língua antiga. Os lemas, agora em português, ocupam outros suportes e abarcam representações da profissão de professora como missão e sacerdócio. No álbum de fotografias da turma de 1967, lê-se "Na sinfonia do Universo lançaremos vibrações de nossa missão: AMAR, EDUCAR, SERVIR". Da mesma forma, no convite de formatura da turma de 1969, por meio da frase "construir pelo esforço, formar pelo ideal", remete-se à ideia do magistério entendido como ideal e sacrifício. Assim, no conjunto desses lemas, é visível a idealização da missão do professor.

A presença dos quadros de formatura no Curso Normal do IEE se apresentou como permanência durante a década de 1960[7]. Como lembrança desse rito, os quadros apelam ao coletivo, já os álbuns de fotografias constituem-se como lembranças individuais. Organizados em outro suporte, esses álbuns trazem para a cena aspectos e sujeitos de forma mais intimista e pessoal. No álbum de fotografias de uma aluna da turma de 1967, por exemplo, a primeira fotografia é da estudante, e as seguintes, as dos professores, ficando de fora as autoridades. As demais fotografias retratam outros sujeitos – provavelmente o pai, o namorado – no baile de formatura.

A escolha de autoridades políticas como paraninfo e patrono funcionava como um dispositivo de legitimação do momento da formatura. Da mesma maneira, sendo eventos de destaque na cena pública, seus ritos garantiam, então, a perpetuação da imagem dessas autoridades. No final de 1960, por exemplo, observa-se que a escolha dos paraninfos, patronos e homenageados especiais já não contemplava somente o nome de autoridades. Na formatura da turma de 1969, por sua vez, a única autoridade citada no convite de formatura é o professor Jaldyr B. Faustino da Silva, Secretário da Educação de Santa Catarina na época, o que parece significar que as formaturas já não representavam a mesma força distintiva.

Os eventos eram realizados em espaços nobres da cidade de Florianópolis. As celebrações religiosas católicas normalmente aconteciam na Catedral Metropolitana. Nos salões do Clube Doze de Agosto, eram realizados os bailes. As solenidades de colação de grau ocupavam o Teatro Álvaro de Carvalho (TAC). No entanto, no último ano da década

[7] Não foi possível identificar o período em que os quadros de formatura entraram em desuso no Curso Normal do IEE. O último quadro localizado é datado em 1970 e se encontra no Memorial do IEE.

de 1960, o local escolhido para a colação de grau foi o ginásio da Federação Atlética Catarinense (FAC), localizado na Avenida Hercílio Luz, próximo ao prédio do IEE. A escolha do ginásio para a colação de grau representou uma mudança significativa, tendo em vista que seu espaço é mais amplo, permitindo acomodar um maior número de formandos(as) e convidados(as). Assim, um novo espaço se anunciou – menos solene – e as formaturas pareceram perder o *glamour*. Isso, em certa medida, demonstra que, nesse período, o magistério se popularizou, com a ampliação das oportunidades de estudo para um número maior de mulheres e também com a perspectiva de trabalho.

Concursos de beleza: a mais bela normalista

> Maria Helena Costa é uma das normalistas que concorrerá no próximo dia 8 de outubro a um título de beleza cordialmente disputado entre as futuras mestras. As alunas do 3º Normal despedem-se do uniforme colegial, preparando-se para vestir a grave responsabilidade do magistério. A mais bela normalista é a festa que antecede a formatura (O Estado, 1971a, capa).

O Estado[8], jornal de ampla circulação na cidade de Florianópolis, no dia 16 de setembro de 1971, deu início à cobertura jornalística do concurso "A mais Bela Normalista", realizado pelo IEE. Assim, até o dia 10 de outubro de 1971, o jornal publicou nove matérias, com textos e fotografias sobre o evento que movimentou o IEE e a cidade de Florianópolis. O concurso ganhou destaque de capa na maioria das edições, fato esse que demonstra a importância dada pelo jornal ao evento. Os textos publicados na época oferecem detalhes da disputa ao título no interior da instituição escolar e ressaltam, além das qualidades de beleza e simpatia, o fato de as candidatas serem futuras professoras.

Os concursos de *misses* ganharam popularidade no Brasil na década de 1960, com a eleição de duas brasileiras ao título de *Miss* Universo. A primeira delas, Ieda Maria Vargas, no ano de 1963, e a segunda, Marta Vasconcelos, em 1968. A beleza moderna associada à juventude fomentou uma indústria de produtos de beleza, principalmente femininos. A organização de tais concursos fazia parte da estratégia de *marketing* dessas empresas e de grupos editoriais que muitas vezes compravam o direito de exclusividade para a promoção e divulgação dos eventos (Santa'anna, 2007). Os concursos de beleza feminina contavam com grande cobertura jornalística e foram fartamente publicados pela imprensa.

As revistas femininas, com penetração no espaço doméstico, tornaram-se, especialmente para mulheres de classe média e alta, fontes de informação e referência (Bassanezi, 2009). Os padrões de beleza circulavam nessas revistas como modelos a serem seguidos. As matérias publicadas reforçavam os discursos dominantes sobre os papéis sociais esperados para homens e mulheres, no entanto, outras lentamente mostravam uma mulher que começava a ousar. Na década de 1960, as revistas apresentavam as múltiplas facetas da mulher, ou seja, "ao lado da militante 'subversiva' presa, a *Miss* Brasil, a modelo famosa, a garota *hippie*, a mãe solteira ou a atriz de novela televisiva" (Cunha, 2001, p. 203).

As reportagens da época sobre os concursos de *misses* traziam detalhes como as medidas das candidatas em polegadas, as fofocas dos bastidores e os grandes gastos com as roupas (Cunha, 2001). As matérias evidenciavam as candidatas, suas famílias e as torcidas organizadas. Os espaços escolhidos para os desfiles e os jurados também ganhavam destaque na mídia. As particularidades da vida pessoal da vencedora eram expostas nos mínimos detalhes. Em Santa Catarina, a eleição da primeira *Miss* Brasil catarinense, Vera Fischer, ganhou visibilidade em periódicos nacionais e regionais. A *Miss* passou a representar o coroamento do processo de modernização empreendido por Santa Catarina: "[...] nenhuma catarinense foi tão falada por sua beleza e exaltada como representação do desenvolvimento econômico do seu Estado Natal [...]" (Santa'anna, 2007, p. 7).

Além dos concursos nacionais e estaduais, foram organizados, também, pequenos certames de beleza em diferentes espaços (Santa'anna, 2007). Em Florianópolis, o espaço escolar do IEE se constituiu como cenário para a disputa em torno do título "A mais bela normalista". O jornal que cobriu o evento destacou que, entre a realização das provas finais, as aulas e o recreio, o que mais chamava a atenção dos estudantes era a disputa para a eleição da mais bela normalista. Os detalhes das roupas usadas pelas candidatas não passavam despercebidos nas publicações. As fotografias mostram as estudantes de calça comprida, *short* e uniforme escolar, como, por exemplo, a fotografia selecionada (Figura 3). Na imagem, é possível observar uma das candidatas posando para a fotografia, com seus

[8] "O Estado" foi o mais tradicional jornal de Santa Catarina, circulava em todo o Estado e sua sede era em Florianópolis. Ele foi fundado em 13 de maio de 1915 e seu último exemplar circulou em 04/01/2009.

Figura 3. Candidata de uniforme.
Figure 3. Candidate wearing a uniform.
Fonte: O Estado (1971b).

cabelos soltos, usando o uniforme escolar e segurando uma pasta. O espaço escolhido para a fotografia é uma das rampas situada no pátio interno do IEE.

As imagens publicadas no jornal pouco lembram aquela "normalista comportada", de saia comprida, com modos contidos e sorrindo. A representação das normalistas que circulavam no Brasil, ao longo do tempo, normalmente estava associada à docilidade, ao recato e à simpatia. Por exemplo, a canção intitulada "As Normalistas"[9], interpretada por Nelson Gonçalves, era popular e seus versos – "trazendo um sorriso franco no rostinho encantador minha linda normalista" – reforçavam essa imagem romântica da estudante do Normal. O uniforme escolar, utilizado pelas estudantes do Curso Normal no início da década de 1970, parece romper com esse estereótipo.

A minissaia, peça do vestuário usada principalmente por jovens desde a década de 1960, compõe o *look* do uniforme escolar do IEE. Ao observar as fotografias publicadas, é possível perceber que agora os holofotes estão voltados para a jovem que se expõe e dá a ver seu corpo sem tanto pudor. O uso de novos trajes e a exposição do corpo conferem às jovens um *status* de beleza em que ser bela é sinônimo de ser moderna. Moderna também no sentido de ser aceita, de estar de acordo com o seu tempo, de estar vestida na moda, sem que isso significasse impedimento para o exercício da profissão de professora.

O jornal também fez questão de ressaltar que, no certame de beleza realizado no IEE, os atributos culturais eram igualmente importantes. De acordo com o jornal, ao tratar sobre as finalistas do concurso, "as três futuras professoras preparam-se para o teste de cultura que se realizará na sexta-feira" (O Estado, 1971a, capa). Possivelmente a organização do "teste de cultura" teve como objetivo legitimar a realização do Concurso em um espaço de formação de professores(as) e dar maior credibilidade junto às famílias e à sociedade.

No entanto, contemporaneamente aos concursos de beleza, os jovens no Brasil se mobilizavam de diferentes maneiras. Inspirados no "Maio de 68", parte dessa geração participou ativamente das contestações e rebeliões. No Brasil, após a institucionalização do AI-5, o movimento estudantil explodiu, com manifestações de protesto à ditadura civil militar (Paes, 1992; Bortot e Guimaraens, 2008). No IEE, o ano de 1968 foi marcado por manifestações, protestos e greves. O mesmo jornal que cobriu o concurso de beleza já havia publicado por vários dias, no ano de 1968, matérias sobre os acontecimentos políticos envolvendo os(as) estudantes do IEE[10].

Assim, pode-se interrogar se a promoção do concurso "A mais bela normalista", pela instituição escolar, teve como objetivo desviar a atenção desses(as) jovens dos acontecimentos políticos, uma vez que este estaria desvinculado de questões relativas aos movimentos sociais. No auge dos acontecimentos políticos que eclodiram a partir de 1968, especialmente um concurso destinado à escolha da mais bela normalista do IEE pareceu destoar. Tudo indica que a organização do concurso serviu a outros propósitos, como, por exemplo, apaziguar os ânimos e sugerir um aparente clima de normalidade nessa instituição e na cidade de Florianópolis. Normalidade essa atestada pela atuação da imprensa local.

Por um lado, pode-se inferir que a participação de estudantes em um concurso de beleza pudesse colocá-las à mercê de padrões de beleza e da moda preestabelecida pelos ditames sociais, o que poderia significar um jogo de alienação. Por outro lado, pode-se pensar, também, que essa espécie de concurso representou uma brecha na rigidez do sistema em que essas jovens viviam e estudavam. As jovens estudantes, ao participarem dos desfiles, puderam explorar, criativamente, esse novo espaço para colocar em cena

[9] A música "As Normalistas" é uma composição de David Nasser e Benedito Lacerda.
[10] Foram localizados os jornais que publicaram as matérias sobre o movimento político e contestatório organizados pelos(as) alunos(as) do IEE no ano de 1968. No acervo pessoal de Gabrielle, anteriormente citado neste texto, foi localizada uma circular do Grêmio Estudantil Professor José Basilício/IEE sobre a paralisação das aulas.

sua feminilidade. Um concurso como o da "A mais bela normalista", promovido pelo IEE, serviu de palco, talvez, para a apropriação das novas representações da mulher que circulavam nos cenários nacional e internacional.

Algumas considerações

O projeto de formação de professores em Santa Catarina assumiu diferentes contornos ao longo da história da educação catarinense. Os modelos culturais e pedagógicos que circulavam em Florianópolis, entre os anos de 1961 e 1971, ressoaram no Curso Normal do IEE forjando uma cultura escolar própria. Assim, as formaturas e o concurso de beleza "A mais bela normalista" se constituíram como elementos dessa cultura escolar em interface aos modelos culturais e pedagógicos que circulavam no período investigado.

Tal pesquisa permitiu entender que as solenidades de formatura, embora apresentando marcas de permanências, organizaram-se de forma diversa de períodos anteriores. Ainda que alguns elementos que compõem o rito de formatura sejam os mesmos, alguns deles, como, por exemplo, os quadros de formatura, passam a apresentar um *design* menos rebuscado, e os elementos decorativos expressam marcas do processo de modernização. A substituição do palco do teatro por um ginásio de esportes permite inferir que as formaturas do Curso Normal do IEE se popularizaram provavelmente como ecos do movimento de democratização da escola pública.

Tudo indica que o concurso "A mais bela normalista", organizado no interior do IEE, oportunizou que a representação da "mulher moderna", que circulava no Brasil e na cidade de Florianópolis, encontrasse espaço entre as jovens estudantes. Esses aspectos podem ser percebidos em traços tênues, como a preocupação com a profissionalização, a ida para o Ensino Superior que se expandia e abria possibilidades de ascensão social para além do casamento – que, imaginariamente, parecia lhes garantir o benefício de um final feliz – da maternidade e do cotidiano exercício de ensinar crianças como uma missão. Mais sintonizadas com as reivindicações sociais emergentes naquele momento político da vida nacional (ditadura militar) e mais abertas às discussões que se firmavam no que diz respeito a novos comportamentos e acesso a outras possibilidades (pílulas, vida sexual, roupas, outras possibilidades de mercado de trabalho), o trabalho feminino para essas jovens já não se reduzia ao mero exercício de professora primária como uma forma de maternagem simbólica.

Assim, aquela "normalista comportada" e inserida em rígidos preceitos morais de uma cidade pequena, principalmente os que se referiam aos comportamentos pessoais de contenção de atos/ações e obediência às regras morais, característicos dos papéis sociais e de gênero esperados por aquela geração, naquele tempo e espaço, deu lugar a jovens que estavam sintonizadas com o seu tempo: preocupadas com o prosseguimento de seus estudos, com sua aparência física, leitoras de revistas de moda e de variedades que viam, por exemplo, nos modelos de artistas de televisão, outras possibilidades de inserção na vida profissional e que rejeitavam, ainda que timidamente, o exercício do magistério como o "sacerdócio" extremamente veiculado em turmas anteriores. Certamente, tais situações reverberavam a emergência de proposições advindas do movimento feminista, que, ainda indelevelmente nos anos iniciais da década de 1970, marcaria a profissão e que fariam, daí por diante, que o magistério não fosse apenas uma profissão, mas uma carreira consolidada. Diferentemente de períodos anteriores, em que a normalista deveria apresentar um comportamento exemplar, inclusive no modo de vestir, no início da década de 1970, uma nova representação de professora passou a fazer parte do cenário do Curso Normal do IEE.

O IEE, como ícone de modernidade, contemplou as culturas juvenis desse tempo no seu cotidiano. Assim, provavelmente a realização do concurso de beleza no IEE não agregou nem tampouco agradou a maioria dos(as) jovens do IEE e de Florianópolis. No entanto, o movimento por um *novo* padrão de beleza feminina que circulava no Brasil e no mundo pelas revistas, por jornais e também pelos concursos de *misses* encontrou, em certa medida, ressonância no interior do Curso Normal do IEE, no início da década de 1970. Sendo assim, se o concurso de beleza representou possíveis intenções de apagamento do movimento político, também abriu espaço para essas jovens assumirem sua feminilidade aliada à perspectiva de serem futuras professoras.

Referências

BASSANEZI, C. 2009. Mulheres dos Anos Dourados. *In*: M. DEL PRIORI; C. BASSANEZI (orgs.), *História das Mulheres no Brasil*. 9ª ed., São Paulo, Contexto, p. 607-639.

BORTOT, I.J.; GUIMARAENS, R. 2008. *Abaixo a repressão! Movimento estudantil e as liberdades democráticas*. Porto Alegre, Libretos, 256 p.

CARVALHO, M.M.C. de; PINTASSILGO, J. (org.). 2011. *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 472 p.

CARVALHO, L.B. de O.B. de; CARVALHO, C.H. de. 2012. *O lugar da educação na modernidade luso-brasileira no final do século XIX e início do século XX*. Campinas, Alínea, 208 p.

CHARTIER, R. 2010. *A história ou a leitura do tempo*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, 77 p. (Ensaio Geral).

CUNHA, M. de F. 2001. Homens e mulheres nos anos de 1960/70: um modelo definido? *História: questões & debates*, **34**:201-222. http://dx.doi.org/10.5380/his.v34i0.2665

CUNHA, M.T. 2012a. A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em Manuais Escolares para o Curso Normal (1940 – 1960/Brasil-Portugal). *In*: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 9, Lisboa, 2012. *Anais*... Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, p. 1-16.

CUNHA, M.T. 2002b. Centelhas do Idealismo. O "ser professora" nos discursos de formatura do Curso Normal: a voz das oradoras. Florianópolis, (SC) 1945-1960. *In*: L. SCHEIBE; M. das D. DAROS, *Formação de professores em Santa Catarina*. Florianópolis, NUP/CED, p. 71-91.

DaMATTA, R. 1997. Espaço: Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. *In*: R. DaMATTA, *A casa & a Rua*. Rio de Janeiro, Rocco, p. 31-69.

DANIEL, L.P. 2003. *Por uma psico-sociologia educacional: a contribuição de João Roberto Moreira para o processo de constituição científica da Pedagogia nos cursos de formação de professores catarinenses nos anos de 1930 e 1940*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 163 p.

FAUSTO, B. 2012. *História do Brasil*. 14ª ed., São Paulo, USP, 680 p. (Didática. Volume 1).

FRAGO, A. V. 2007. *Sistemas educativos, culturas escolares e reformas*. Portugal, Pedagogo LDA, 155 p.

GONÇALVES, J.R.S. 2005. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos,* ano 11, (23):23-36.

HABERMAS, J. 1990. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 350 p.

O ESTADO. 1971a. Florianópolis: ano 57, n. 16721, 05 out., capa.

O ESTADO. 1971b. Florianópolis: ano 57, n. 16729, 17 set., capa.

PAES, M.H.S. 1992. *A década de 60: rebeldia, contestação e repressão política*. São Paulo, Ática, 95 p.

SANTA'ANNA, M.R. 2007. *Concurso de beleza – discursos e sujeitos 2007*. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/3-Coloquio.../4_03pdf. Acesso em: 29/09/2013.

SCHAFFRATH, M. dos A.S. 1999. *A Escola Normal Catharinense de 1892: profissão e ornamento.* Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 146 p.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. 2005. História, memória e história da educação. *In*: M. STEPHANOU; M.H.C. BASTOS (orgs.), *Histórias e Memórias da Educação no Brasil*. *Vol. III – Século XX.* Petrópolis, Vozes, p. 417-428.

STEPHANOU, M. 2007. Traços falantes, identidades mutantes: juventudes na contemporaneidade. *In*: Congresso de Leitura do Brasil e Seminário "Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão", Campinas, 2007. *Anais*... Unicamp, p. 1-28.

SILVA, A.C. da. 2005. Instituto de Educação de Florianópolis (1930-1940): olhares sobre a infância e a formação de professores. *In*: M.H.L.F. LAFFIN; M.D. RAUPP; Z. DURLI (org.), *Professores para a Escola Catarinense: contribuições teóricas e processos de formação*. Florianópolis, UFSC, p. 39-65.

TEIVE, M.G. 2008. *"Uma vez normalista, sempre normalista": cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911/1935)*. Florianópolis, Insular, 216 p.

VIEIRA, K.S. 2013. Tempo e História: o Curso Normal do Instituto Estadual de Educação/SC – Década de 1960. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf. Acesso em: 30/08/2013.

WERLE, F.O.C. 2005. Ancorando quadros de formatura na história institucional. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT02-322-Int.rtf. Acesso em: 06/06/2013.

XAVIER, M . do C. 2012. A educação no debate do desenvolvimento: as décadas de 1950 e 1960. *In:* N. GIL; M. da C. ZICA; L.M. de F. FILHO (orgs.), *Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX.* Belo Horizonte, Mazza, vol. 1, p. 205-232.

Submetido: 27/11/2013
Aceito: 21/01/2015

Karin Sewald Vieira
Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil

Maria Teresa Santos Cunha
Universidade do Estado de Santa Catarina
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED
Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubi, 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil